

Officina de composição
e impressão de
MANUEL HOMEM DE C. CRISTO
R. DE S. MARTINHO
Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR
Manuel Homem de C. Cristo
Redacção e administração
R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º ANNO

Numero 426

PRINCIPIOS

Sob o titulo *Socialismo e Patria*, e o sob titulo *Os socialistas allemães expulsam do seu gremio um anti-patriota*, escrevia a democratica *Lucta* na quarta-feira que passou:

«O dr. Robert Friedeberg, chefe e fundador do partido anarcho-socialista allemão, acaba de ser expulso do partido socialista, em virtude d'uma resolução do Tribunal de arbitragem, constituído pelos deputados Legien e Staesdthagen, e dos conselheiros municipaes Kantsky e Borglann.

Esta medida de rigor foi tomada em vista da attitude do dr. Friedeberg perante o parlamentarismo e por elle se entregar a uma activa propaganda anti-patriótica.

A sentença do tribunal arbitral é conhecida nos seguintes termos:

«Os principios do anarcho-socialismo são realmente os da anarchia.

Desde que adoptou esses principios, o dr. Friedeberg collocou-se fóra da social-democracia.

O tribunal reconhece que o dr. Friedeberg bem mereceu por varias vezes do proletariado, e lamenta ver-se forçado a romper com elle. Declára, todavia, que aquelle cidadão deixou de ser socialista e não deve mais ser considerado como pertencendo ao partido.»

Por esta sentença se prova que o «abaixo as fronteiras!» não tem a significação que muitos pretendem dar-lhe...

A democratica *Lucta* fez mal em applaudir, como evidentemente applaude, demonstrando assim novamente o espirito reaccionario que a anima, e que não deixa mais ou menos de patentear, por aqui ou por alli, todos os dias, a democratica *Lucta*, dizemos, fez mal em applaudir o acto de intolerancia e de estupidez praticado pela allemannica social-democracia.

Não ha ninguem mais insuspeito do que nós n'estas questões. Porque se alguém não pôde ser taxado de anti-patriota e d'anarchista, somos nós. Mas entre não ser anarchista e odiar o anarchismo ha muito differença. Entre aceitar todos os abusos, todos os preconceitos, todos os crimes que se apregoam e commetter á sombra da cantata do patriotismo, e possuir o natural sentimento de patria, ha uma distancia enorme.

Quando João Franco perseguiu pela primeira vez cruelmente os anarchistas, em cima da tentativa verdadeira ou falsa, phantastica ou real, da rna do Duque de Bragança, o unico jornalista que os defendeu em Portugal fomos nós. O unico! E então diziamos o que ainda repetimos hoje: Que asneira é essa, que crime é esse, de pôr fóra da lei homens que prégam uma doutrina que pôde ser muito bem a realidade do futuro? Não é repetir a asneira, não é repetir o crime do fanatismo de todos os tempos?

Nós podemos achar hoje o anarchismo uma allucinação. Mas allucinação achavam os absolutistas que era o constitucionalismo. Mas allucinação achavam os monarchicos-constitucionaes que era a republica.

Nós podemos achar hoje o anarchismo um impossivel. Mas impossivel era a queda do feudalismo para os senhores feudaes. Impossivel era a queda do absolutismo para os absolutistas. Impossivel era a queda da monarchia constitucional para os constitucionaes. Impossivel é a queda da republica conservadora para os republicanos con-

servadores. E impossivel é já o socialismo libertario para os socialistas auctoritarios. Ora bolas, que não tem a gente vontade de dizer outra coisa!

Impossivel é tudo o que perturba os habitos da rotina. Impossivel é tudo o que sahe do caminho trilhado inconscientemente pelo rebanho humano. Impossivel... que dizer?... impossivel é a concepção da verdade, é a ordenação do pensamento.

Impossivel era Copernico. Impossivel era Galileu. Impossiveis foram todos os creadores da verdade, todos os combatentes pela liberdade, todos os defensores da moralidade. Impossivel era o caminho das Indias, era a descoberta do Novo Mundo. Impossiveis são todos os astros que se não conhecem. E' toda a luz que ainda se não viu.

Nós podemos dizer aos anarchistas: «E' cedo para o triumpho dos vossos ideaes. Attendei ao estado selvagem em que se encontra ainda a humanidade. Moderae, pois, o vosso ardor.» Vá mesmo que lhes digamos: «Não nos parece que o homem deixe, jámais, de ser visinho da besta.» Mas quem ha no mundo que se sinta auctorizado a dizer-lhes: «A equidade que reclamaes, a perfeição humana que defendeis é mpossivel?» Quem, sem passar a si proprio, querendo chamar necios aos anarchistas, e zombando alvarmente d'essa pretendida needade, diploma de incontestado, de indiscutivel, de verdadeiro nescao?

Só um louco ou um grande ignorante pôde, dadas as lições da historia e o ensinamento do passado, ter a estulta, a ridicula pretensão de estabelecer limites ao possível.

Mas ha mais. Ninguem, em boa razão, contesta o grau de felicidade que resultaria para a humanidade do triumpho das doutrinas libertarias. Contesta-se a sua possibilidade. Ri-se a gente da simples idéa de ser possível, de poder ser possível aquelle sonho de nephelitas. Mas não se contesta mais nada. A esta pergunta: «Mas supponha que é possível; supponha, admitta isso por um instante: era mau?» ninguem responde, ninguem: era mau. Ninguem! Mas, então, que extranho, que singular espectáculo é esse de tratar com desprezo, de repellir, de perseguir como feras os homens que advogam ideaes que só teem o inconveniente de não poderem ser realisaveis? Generosos ideaes, grandes ideaes, ainda que impraticaveis, ainda que irrealisaveis! E em vez de se porrem todos a tentar a possibilidade d'uma coisa que, a ser possível, seria admiravel, põem-se todos a desdenha-la, a combate-la, a repellir-la, como se ella fóra a coisa mais nefasta, mais venenosa, mais prejudicial!

Singular, extranho espectáculo! O homem a repellir ferozmente o que reconhece que seria a sua felicidade! O homem a tornar impossivel o que, sem a sua estupidez, seria a mais simples das possibilidades! Só é impossivel porque o homem não quer. Tão certo que até

mesmo luctando contra esse formidavel obstaculo tem sido possível tudo aquillo que o homem se tem esforçado, no decorrer dos seculos, em tornar a mais real das impossibilidades.

Pois alguém contesta a enorme vantagem que adviria da queda das fronteiras para a humanidade? O internacionalismo, tal qual o pretendem, não os da social-democracia mas os anarcho-sociales, seria a mais extraordinaria conquista da humanidade.

Alguem contesta a vantagem de ser tratado como irmão fóra da sua patria, em vez de ser tratado como inimigo, ou, ao menos, como uma creatura simplesmente tolerada?

E' impossivel, diz-se. Mas impossivel, porquê? Não é o homem a unica razão d'essa impossibilidade? Basta que o homem queira e se deite de alma e coração a estudar e a resolver o problema para que cesse toda a impossibilidade.

Hervé é violento. Hervé é excessivo. E' Mas só o fez violento, só o fez excessivo, a violencia e o excesso dos reaccionarios. Para que nos lembrarmos tanto de Hervé, dos seus excessos, das suas violencias, e para que esquecer as seculares violencias e excessos d'esse militarismo que ainda n'outro dia, na questão Dreyfus, tão odiosamente se assignalou? Nem depois de trinta e sete annos de republica os officiaes do exercito francez se acostumaram á idéa de respeitar, ao menos, os direitos populares. Pois não justifica isto todos os excessos do anti-militarismo? Não os torna, quasi, necessarios?

Hervé é excessivo. Hervé é violento. Mas só é perigoso pela estupidez em que se encontra ainda a humanidade. Hervé põe em risco a segurança da França. Mas só a põe em risco por não ser partilhado pelos socialistas allemães o seu espirito humanitario. Se á sua propaganda correspondesse uma egual propaganda na Allemanha, deixaria de ser uma mentira essa paz que os burguezes dizem desejar para se tornar, então, uma verdadeira, uma authentica realidade.

E se isto é assim, quem está em erro não é Hervé. São aquelles que, dizendo, aliás, professar principios humanitarios, o repellem e perseguem como se elle fóra o mais perigoso dos reaccionarios.

Se isto é assim, não tem a *Lucta* de que se orgulhar. Só tem, a nosso vêr, de que se envergonhar. Porque todos nós podemos divergir no melhor processo a empregar para attingir a perfeição, para fazer triumphar a verdade. O que não podemos é atirar foguetes á intolerancia, é acclamar o espirito de facção, irreductivel e feroz inimigo da verdade.

Comprehende-se a attitude dos socialistas francezes, que ainda não fizeram mais que oppôr doutrina a doutrina, em face da propaganda de Hervé. Não se comprehende, não se admite a dos socialistas allemães, que mais uma vez demonstraram a sua inferioridade.

Isto viu-se em França, o anno passado. Ainda que sem exaltações. Quem escreve estas linhas estava lá, no dia em que a lei teve execução pela primeira vez. E notou, como aliás os jornaes no dia seguinte confirmaram, que a lei tinha sido obedecida e acatada. Houve reclamações, é evidente, que nem podia deixar de as haver, porque a lei não podia prever todas as difficuldades praticas. Mas reclamações legaes e no sentido de tornar pratico aquillo que em certos pontos se viu ser impraticavel.

DESCANÇO SEMANAL

A questão do descanso semanal veio provar mais uma vez a somma de egoismo e de estupidez que se aninha na alma d'esta santa gente portugueza.

Já em França, o anno passado, se empregou o argumento de que o barbeiro achava muito justo para si o descanso, mas muito injusto se era dado aos outros, e vice-versa. O sapateiro ficava muito contente por se fechar a porta da loja ao domingo. Mas não podia admitir que se fechasse a porta da loja do barbeiro. E muito menos a do padeiro. Pois quê, podia lá ser um homem ficar sem fazer a barba ao domingo? E então comer pão duro? Era barbaro, era selvagem, era anti-civilizador!

E a porta da taberna? Eram discursos patrioticos bordados sobre o thema. Todos os bebedos achavam justissimo que os pozesses á solta no domingo. Um homem não era escravo, para estar amarrado á loja do barbeiro, do sapateiro, do alfayate, do tendeiro, etc, enquanto os outros folgavam. O patrão não queria. Mas abaixo a tyrannia do patrão. O patrão que se *livrasse*. Mas quanto á taberna, não. Isso não! A lei não podia, não devia deixar de estabelecer excepções. O que havia um homem de fazer com a taberna fechada? De que valia, então, o descanso semanal? Era certo que a taberna tambem tinha caixeiros. E os caixeiros da taberna tambem eram gente. Mas era outra coisa. O caixeiro da taberna estava entretido. Pois então não era uma pandega aturar os bebedos? E com a faculdade de molhar a palavra quando quizesse. Não falassem aos bebedos na tyrannia do caixeiro da taberna. Não era tyrannia nenhuma. Não senhores. O patrão ali não era tyranno. Pelo contrario, tyrannia era obriga-lo a fechar a porta. Pois se era o dia em que o pobre homem fazia maior negocio! Quem tinha o direito de o prejudicar? Então o Estado que lhe dêsse uma indemnisação.

E d'esta fórma falavam eloquentemente e calorosamente os bebedos a favor dos interesses do patrão da taberna. E' verdade que os caixeiros da taberna não falavam com menos eloquencia a favor dos interesses do patrão da loja de barbeiro ou de padeiro. Olha agora um homem não comer pão fresco ao domingo! Olha agora um homem não ter onde fazer a barba ao domingo! Podia lá ser? A lei não podia, não devia deixar de fazer excepções.

Isto viu-se em França, o anno passado. Ainda que sem exaltações. Quem escreve estas linhas estava lá, no dia em que a lei teve execução pela primeira vez. E notou, como aliás os jornaes no dia seguinte confirmaram, que a lei tinha sido obedecida e acatada. Houve reclamações, é evidente, que nem podia deixar de as haver, porque a lei não podia prever todas as difficuldades praticas. Mas reclamações legaes e no sentido de tornar pratico aquillo que em certos pontos se viu ser impraticavel.

Viu-se isso em França. Mas o que não se viu foi nenhum escriptor, nem nenhum jornal democra-

tico fazer se echo d'esses interesses mesquinhos ou zombar da lei. Na camara só um deputado votou contra ella. Só um! E esse mesmo foi pedir depois á presidencia que não mencionasse o nome d'elle e que dêsse a lei como approvada por unanimidade. No Senado foi votada por aclamação, o que corresponde a ser votada por unanimidade. Em Portugal, o paradoxal, o mirabolante João Chagas não queria, não admittia o descanso semanal porque se sentia horrorizado com a idéa de não ter ao domingo onde ir beber uma cerveja! Em Portugal, as gazetas republicanas, na sua maioria, tem-se fartado de zombar do descanso, fazendo o jogo de todos os exploradores, sinceros ou idiotas, do pobre proletario. E até os caixeiros, para tudo ser unico, quizeram rejeitar o descanso por elle lhes ser dado em dictadura!

Que os jornaes republicanos registassem a origem dictatorial do descanso, estava bem. Já era sabido que combatiam a dictadura. Não se ignorava que repelliam formalmente a dictadura. Portanto, applaudindo o principio do descanso semanal, affirmavam, comtudo, que só as camaras poderiam vir a tornar definitivo esse principio, se os partidos monarchicos, como promettem, annullassem todas as leis publicadas em dictadura. E por aqui se ficavam, muito airoosamente, muito dignamente, muito correctamente. Mas fazerem-se echo da chicana dos especuladores, apoiarem todas as allegações de caracter egoista, chegarem os seus proprios redactores a manifestarem horror por não terem ao domingo um escravo que lhes amenisasse o aborrecimento, foi provar mais uma vez, como provam continuamente, que os não anima nenhum espirito de justiça.

Em todas as nações cultas existe o descanso semanal. Em Inglaterra tem mais de dois seculos, pois foi decretado por Carlos II em 1677. Nos Estados Unidos determinou-o a lei de 21 de julho de 1836. Na Austria, a lei de 25 de maio de 1868, ampliada pela lei de 21 de junho de 1884. Na Hungria a lei de 14 d'abril de 1891. E em França a lei de 13 de julho de 1906, que serviu de modelo ao decreto de João Franco. Existe na Allemanha desde 1891, na Belgica, na Dinamarca e em quasi todos os cantões suissos. Isto é o que nós sabemos. E, portanto, o que affirmamos. Mas é natural que exista tambem em nações alem das mencionadas. Ora nem a Inglaterra, nem a Belgica, nem a Dinamarca, nem os Estados Unidos, nem a Allemanha viram diminuído o seu espantoso movimento e progresso industrial e commercial pelo facto dos empregados do commercio e da industria descansarem um dia por semana. Nem por isso os especuladores deixaram de continuar, n'esses paizes, a fazer enormes fortunas. Que estejam, pois, tranquilos, os especuladores portuguezes. O decreto, áparte a sua origem dictatorial, que pômos de parte, pois basta que toda a gente saiba que somos contrario a esta como a todas as dictaduras, sendo mero romantismo, nepheliticamente, idiotia tudo o mais, n'um paiz onde os partidos que dizem representar a quasi unanimidade da nação não teem força para expulsar do poder o dictador, coagindo o rei a respeitar

CENTRO FOTOGRAFICO

PORTO

R. SÁ DA BANDEIRA—135

A EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Houve uma pequena interrupção no regular seguimento destes artigos, o que nada prejudicou os leitores tendo a vantagem de ser para mim de grande utilidade porque me permitiu tratar questões d'ocasião que reclamavam critica immediata.

Mas continuemos então. Posta de parte a hipótese da inferioridade feminina, como refusa e anti-cientifica, pouco resta aos conservadores em auxilio da sua tese. Examinemos ainda alguns dos seus argumentos para lançarmos em seguida rápidas vistas sobre a situação da mulher nalguns países do mundo civilizado.

Dizem que o desenvolvimento intellectual e social da mulher limitará o numero dos nascimentos, porque fará diminuir a sua capacidade geradora. E' possível.

«Na zoologia, vemos que a fecundidade das espécies animais diminui á medida que nos elevamos na escala dos seres. O zoófito, o peixe, reproduzem-se por centos de milhares, alguns por milhões. Na classe mais elevada, a dos mamíferos, a fecundidade está na razão inversa do desenvolvimento cerebral. A cadéla, a gáta, a égua e a macaca são estéréis comparadas com a fêmea do rato ou do coelho. Hoje, no género humano ha certo antagonismo entre as funções cerebrais e as genésicas. Os homens de sciencia cuja vitalidade se concentra no encéfalo, salvo certas exceções, costumam ser pouco apaixonados; os atletas buscados pelas mundanas insaciáveis são, no geral, medianos pensadores.» (1)

Pois bem. Aceitemos a questão posta nestes termos. Ella só nos é favoravel.

Ou o desenvolvimento intellectual e social da mulher vem diminuir a sua capacidade geradora, ou não vem. No segundo caso, tudo continúa como estava e a emancipação feminina não traz perturbação alguma ao desenvolvimento normal da humanidade. Dada a primeira hipótese temos então um poderoso argumento em nosso auxilio.

Se a Natureza não pôde fornecer á Humanidade os elementos materiais necessários e suficientes ao sustento universal e ao desenvolvimento individual e completo das energias individuais, se é esse o maior obstáculo que pretende opôr-se á conquista da igualdade económica, aspiração que deve ser a de todo o homem de hoje, a emancipação da mulher, desenvolvendo a intelligencia feminina e diminuindo, por consequencia, a sua capacidade geradora, resolve o problema do aumento de população sem que seja necessário recorrer aos processos anti-naturais, forçados e até imorais do néo-maltusianismo.

A espécie tem-se constantemente aperfeiçoado através dos tempos, na sua incessante marcha evolutiva, e hoje, como sempre, essa tendencia accentua-se nitidamente. Se o desenvolvimento da humanidade diminuir em quantidade, é natural que isso contribua para que melhore em qualidade. A mulher, intelligente e instruída, sabendo cumprir os seus deveres de mãe, dará a seus filhos uma sábia educação tornando melhores os homens do futuro. E' exatamento o que nós queremos: o successivo aperfeiçoamento do individuo até alcançar o grau de perfectibilidade a mais completa.

Portanto, demonstrado fica em poucas palavras que o referido argumento dos conservadores não é de valia, e antes pelo contrário, a sua inópcia e razão desnortada fornecem-nos constantemente os mais poderosos auxilios, trazendo-nos, como agora, elementos valiosos que nos permitem afirmar, sem receio de erro, que, duma ou doutra forma, a libertação da mulher concorrerá extraordinariamente para a resolução da grande questão social, preparando o advento da nova sociedade.

(1) Carlos Malato—HOMBRE NUEVO—edición española—Casa Espana—pag. 100.

Cartas de Lisboa

4 DE OUTUBRO.

«Quem tem a culpa de tudo, dizem-nos n'uma carta, é o Calcinhas, como você lhe chama. Esse homem não perdôa, não perdoou nunca, a quem o contrariou um dia, a quem o hostilizou, a quem—basta isto—duvidou da sua omnipotencia ou contestou a sua superioridade. Esse santo varão é a creatura mais intolerante, como você tem dicto e provado, a creatura mais rancorosa que ha em toda a politica portugueza. E, alem d'isso, é tolo. O que havia, pois, d'acontecer, senão... o que aconteceu?»

A dictadura é pessima. João Franco ficou abaixo de tudo quanto os seus proprios correigionarios esperavam. João Franco não é bom. Não tem desculpa. Mas a verdade é que tentou sinceramente o governo liberal. A verdade é que todo o seu empenho era governar *constitucionalmente*. Era a sua conveniencia. Era para elle uma imperiosa necessidade. Não era tão tolo que não soubesse que calindo nos braços do rei ficava completamente inutilizado. Desde que a sua unica força fosse o rei elle ficava reduzido a *creado de palacio*. Quem impediu a tentativa de João Franco, que podia não vingar, isto é, não ser continuada, mas que podia também vingar e durar, e, n'este caso, com altas vantagens para a causa democratica, desde que a democracia precisa d'estabilidade, acima de tudo, para ter exito seguro? Quem a impediu? Os republicanos. E quem foi o peor elemento dentro dos republicanos? O Calcinhas, que queria vingar os agravos recebidos de João Franco quando camaradas no ministerio. Era o Calcinhas o principal agitador. Era o Calcinhas o que mais ferozmente prérgava a guerra santa contra o presidente do conselho. Para quê? Você tem-o perguntado muita vez, como muita vez tem insistido n'estes pontos todos a que me venho referindo. Mas não faz mal insistir mais uma vez. Não faz mal insistir sempre. O periodo decorrido desde a subida de João Franco até hoje é dos mais historicos, dos mais assignalados na vida portugueza. Importa inquirir bem dos factos, aclarar, o mais nitidamente possível, responsabilidades. Para quê? Para que levaram os republicanos João Franco a esta feroz dictadura? Para que collocaram a situação em terreno revolucionario? Para que andou o Calcinhas a deitar os bofes pela bocca fóra? Para produzirem na opinião publica mais uma tremenda decepção. Por consequente, para acabarem de a desmoralisar. Dizem que o partido republicano cresceu. Cresceu e diminuiu. Cresceu no numero dos adeptos. Diminuiu em prestigio. Cresceu no numero d'adeptos, mas adeptos de certa qualidade. A melhor gente, ficou-se. E, o que é o peor de tudo, desanimada. Porem fosse qual fosse o numero d'adeptos que o partido republicano adquiriu, fosse qual fosse a qualidade d'elles, nada compensa a decepção profunda produzida em toda a gente, nos proprios sol-

dados republicanos, pela fraqueza, pela passividade com que os generaes do partido tiveram, depois de todas as suas ameaças, de aguentar a affrontosa dictadura. E' a mais vergonhosa abdicção que eu conheço na historia. Abdicção que comporta casos verdadeiramente comicos. Não se esqueça de comparar a attitude do *Mundo* no primeiro dia de dictadura com a attitude do *Mundo* hoje. O *Mundo* dizia—*lembra-se?*—*desconfia dos jornaes que não forem supprimidos; n'esta hora quem não combater a valer pactua: Ora o Mundo reapareceu. Não foi mais supprimido. Logo pactuou. Que ridiculas, que comicas creaturas! Agora andam para ali a entreter os simples promettendo coisas. Tomaram elles que os deixem em paz!*

Um desastre. Mas, repito, é o Calcinhas o principal causador d'esse desastre.»

E' o Calcinhas, na verdade. Comtudo, ha outros ainda seriamente responsaveis. A favor d'estes milita apenas a circumstancia de que procederam por *romantismo*, portanto com sinceridade. Estes são por temperamento, por processo, por educação, ou, antes, por falta d'educação, romanticamente revolucionarios. Estes prérgaram e praticaram sempre a mais romantica incompatibilidade com os monarchicos. Mas o Calcinhas não. O Calcinhas não é, nunca foi de *incompatibilidades*. Senão com aquelles que o beliscam na sua espantosa vaidade. O Calcinhas não é, nunca foi de intransigencias com monarchicos, nem de furores revolucionarios. O Calcinhas era movido, simplesmente, pelo seu odio pessoal ao homem que elle accusava de ter sido o peor elemento da intriga que o forçou a abandonar, em 1893 o ministerio. E' essa a sua grande responsabilidade. Admitte-se um chefe de partido que se engane, ou que, por temperamento, ou vicios d'educação, se metta com o seu exercito por um atalho. Não se admitte de fórma nenhuma um chefe que comprometta gravemente uma situação por simples odio pessoal. Partido de juizo correria á vassoirada um chefe de tal ordem.

Seja como fór, a situação é a peor de todas que se podiam imaginar. Bem sabemos que se promettem *coisas*, como diz o auctor da carta. Mas... valha-me Deus, que não quero dizer nada. E se não quero dizer nada não é com receio de me accusarem mais uma vez de espião do governo, de denunciante, de traidor. Como não vivo com os Deuses, como não *ando associado a coisa nenhuma*, como não estou, nem por influencia directa nem indirecta dos marechaes da revolução, no segredo de qualquer trama, como não sou, sequer, um partidario, toda a accusação n'esse sentido seria fundamentalmente estúpida. Hoje mais do que nunca. Não quero dizer nada, porque, emfim, ha sempre um certo melindre em falar em *coisas d'essas*.

Mas... valha-me Deus, valha-me Deus!

Eu conheço os patacoadas em que se fiam os marechaes da re-

volução. Oh, se os conheço! Conheci-os sempre a jogar com um pião de dois bicos, a fazer reverencias a Deus e ao Diabo! Conheci-os sempre mettidos em *aventuras* e sahindo sempre d'ellas *governados*. Sempre. Toda a gente lhes conhecia os tramas. Sabiam muito bem os governos o que elles faziam, ou, pelo menos, o que d'elles se dizia. E, em vez de perseguições, só os vi receber d'esses governos logares de confiança, favores, rendosas commissões. E os que não receberam logares de confiança, nem favores, nem commissões, ficaram, pelo menos, sempre, tranquillamente... aonde estavam. Vi-os prometter tudo. São d'aquellas santas creaturas que não dizem que não a coisa nenhuma nem a ninguém. Não lh'o permite a bondade ingenita. Mas, em compensação, exactamente pela mesma bondade ingenita com que Deus os creou, vi-os também faltar a tudo... na hora necessaria.

Oh, se os conheço! Oh, se conheço o detestavel espirito dos antros onde essas creaturas se formaram!

Pobres marechaes da revolução, que ainda não perceberam que já se não fazem revoluções como... na primeira metade do seculo passado! Pobres patetas! Patetas na guerra como na paz! E patetas impenitentes, pela razão do aphorismo: *o que o berço dá a tumba o leva!*

Não haverá perigo. A heroicidade d'essas heroicas creaturas que alimentam a esperança dos marechaes durará unicamente até... á hora necessaria. N'essa altura virão as *dôres de barriga providenciaes*. Não ha valentia nem heroicidade que resista ao medo de ver... a mangedoira vasia. Não haverá perigo. Mas se por ventura meia duzia se atreverem a qualquer coisa, valha nos Deus, que é caso para chorar, e a valer, sobre os destinos da democracia portugueza, que bem merecia outra sorte.

E nada mais digo. Mas não se esqueçam os que me leem *do que digo*. Digo e repito que será caso para chorar a valer sobre os destinos da democracia portugueza. Digo o que tenho dicto cem vezes: que nem comprados de proposito para isso, os chefes republicanos, sem excepção d'um só, poderiam servir melhor do que teem servido, e do que melhor poderão vir a servir ainda, os interesses da reacção em Portugal.

Que desastre! Que desastre! Ou venham *coisas*, ou não venham *coisas*, que desastre, que desastre!

C.

AO PUBLICO SUCCURSAL DA PADARIA DOS ARCOS NA COSTA NOVA

MANUEL Barreiros de Macedo, proprietario da acreditada padaria dos Arcos, abriu uma succursal na sua casa na Costa Nova (proximo á Molta) onde o publico durante a epocha balnear encontrar á qualquer hora do dia PÃO DE FINA QUALIDADE e generos de mercearia, taes como: assucar, chá, café, arroz, massas, vinhos finos, cerveja, e outras bebidas; tudo por preços modicos. Recommendamos, pois, este estabelecimento, não só pela mocidade de preços, como também pelo esmero e acceio de todos os generos.

a constituição que jurou observar e manter, o decreto, á parte essa origem, só tem um defeito, mas esse, devemos dizê-lo, defeito capital: foi não marcar um dia unico, e determinado, para o descanso semanal. Como na Inglaterra. Fosse o domingo, ou fosse outro qualquer dia. Também achamos ridicula, n'esse ponto, a preocupação religiosa. O domingo foi escolhido na Inglaterra por motivos religiosos. Já aqui provamos, quando da questão Calmon, n'uma serie d'artigos, e em resposta a uma affirmção errada das *Novidades*, que o paiz onde ha mais atheus, onde, pelo menos, ha mais gente que se abstem da pratica de toda e qualquer religião, é a Inglaterra. Está consagrado pela tradição o domingo como o dia do descanso. Pois seja o domingo. Quanto mais gente houver de folga n'esse dia, mais gente, estabelecida a corrente das digressões como na Inglaterra, deixará de frequentar as egrejas. O mundo moderno vae preferindo, dia a dia, os prazeres d'esta vida aos prazeres da outra vida, cada vez, para a intelligencia humana, mais problematica. Seja o domingo, ou seja outro qualquer dia. Mas seja um só, para descanso de tudo e de todos, com excepção unica dos serviços necessarios á saude publica.

Bem sabemos que a lei franceza estabelece todas as excepções e todas as restricções da lei portugueza. Mas o mal é esse, sempre o temos dicto. O mal é copiar sem escolha e sem criterio.

Um dos fins moraes da lei do descanso semanal devia ser reunir a familia uma vez em cada oito dias. Ora não se realisando o descanso em dia fixo e invariavel não se attinge esse fim de moralidade. O pae pôde-se vêr separado da mulher e a mulher das filhas, e os irmãos das irmãs, se o pae pertencer á industria ou ao commercio que descansar ao sabbado, a mulher á industria ou commercio que descansar ao domingo, a filha á industria ou commercio que descansar á segunda feira, e os filhos á industria ou commercio que descansar á terça-feira. Desde que não haja dia certo para descanso hebdomadario, rara será a familia em que todos os seus membros se possam reunir no mesmo dia. E basta este gravissimo inconveniente para recommendar um dia unico de descanso na semana.

O resto virá com o tempo. Diz-se que na Inglaterra tem valor o dia de descanso semanal porque ha excursões baratissimas, meios de transporte de toda a ordem, divertimentos variadissimos e por preços insignificantes organizados expressamente para esse dia. Ha. Mas não esquecer que a Inglaterra tem o descanso ha dois seculos. Não façam d'elle um sophisma ou uma burla em Portugal e com o tempo virão as excursões baratas e tudo o mais que nos falta.

POVO DE AVEIRO

Vende-se nas seguintes localidades:

LISBOA

Tabacaria Monaco, ao Rocio. Tabacaria Americana, ao Chiado. Tabacaria Duarte, rua de S. Paulo 97. Tabacaria Silva, rua D. Carlos I, 102-104. Tabacaria Fillismino Paulo, rua da Prata, 205-207. Rua Nova do Almada, 46 (junto á drogaria Falcão). Havaneza d'Alcantara, Mercado d'Alcantara n.º 6.

COIMBRA

Tabacaria Central, rua Ferrelra Borges 27.

TRENS DE ALUGUER

DE

LUTHARIO HOMEM CHRISTO

Com cocheira provisoriamente á ponte da Dobadoira, com frente para o lado do caes, e frente para o Largo dos Santos Martyres.

E é precisamente porque elles comprehendem que a emancipação feminina é uma obra revolucionária de grande alcance, que teimosamente lhe oppõem todos os obstáculos, atrazando quanto em suas forças cabe o dia em que a mulher, livre da tirania do macho, instruida e liberta, senhora de si, conscientemente revoltada contra as iniquidades e injustiças desta sociedade impossivel, será a obreira entusiasta da sociedade futura.

HOMEM CHRISTO, Filho.

Contribuição de renda de casas e sumptuaria

Até ao dia 10 do corrente mez, acham-se presentes na repartição de fazenda do concelho, as matrizes d'estas contribuições, para quem se julgar lesado, no erro na designação das pessoas e moradas, no erro na designação da ordem da terra, na injusta designação do valor locativo das casas de habitação, por não estar conforme com o rendimento collectavel, inscripto na respectiva matriz predial urbana, na injusta designação do objecto ou objectos sobre que recae a contribuição sumptuaria, na cessação das rendas das casas de habitação, sujeitas á contribuição de renda de casas, ou dos objectos sujeitos á contribuição sumptuaria, no todo ou em parte, em um, dois ou tres trimestres no anno, no erro de calculo no lançamento das collectas de contribuição de renda de casas, ou contribuição sumptuaria e nos respectivos addicionaes; e, finalmente, na indevida inclusão ou exclusão de pessoas.

SEMANA LISBOETA

Cá estamos. A semana deu-nos assumpto em barda. Tantos são os ridiculos que nos vimos em perigo de nelles ser envolvidos. Felizmente estamos illezos. Blindados até aos dentes para que o mal nos não ataque. Vamos a isto que é uma pressa.

Como é de todos sabido, o diario republicano *O Paiz* durante 90 dias não pôde dizer o muito que diria se o franquismo não fosse *lausperenne* na parochia das instituições. *O Paiz* está suspenso dos labios do sr. João Franco!

Grande poder este homem tem! Consegue ser ao mesmo tempo: estadista e camarão!

Como estadista come os outros; como camarão ha de ser comido... Bem comido e melhor digerido para os intestinos do país não sofrerem irritação de maior. Basta a que tem sofrido. Não ha laxantes que cheguem. Bemdito o dia em que a diarreia appareça. Tão essencial será que os cães voltarão os focinhos e os corvos revirarão os olhos de nauseados.

Os heroes da semana politica continuam a ser os aspirantes a chefe do partido regenerador: Julio de Vilhena e Teixeira de Souza. As opiniões formam dois grupos: Vilhenistas e Teixeiraistas. Ambos fazem propaganda descarada a impingir ao país ingenuo o seu elixir. Uma parte da imprensa tambem o apregoa conforme a mira no ganho.

Se vencer o sr. Vilhena, propheta-se uma chefia toda intellectual—dizem-no os seus partidarios; se fôr ao poleiro o sr. Teixeira, prevê-se um futuro ministerio alcalino-gazozo.

Afirmam-nos que este senhor é violento e nada instruido. Está na conta. Convém ao país. Um presidente de conselho assim tem futuro certo porque encontra o caminho da violencia desbravado pelo sr. João Franco. Governa de marmelleiro atraz da porta e de miolos no descango... perpetuo. Se vencer, a sua primeira medida ministerial será a de provar que a lei de 13 de Fevereiro foi feita para

os libertarios e não para republicanos-anarchistas ou anarchistas-reformistas. Irá pôr a lei nos eixos. Alegrem-se os republicanos-conservadores e que os puritanos o recordem.

O sr. Augusto José da Cunha disse a um redactor do *Mundo* que a ideia de republica o não apavóra.

Sabemos que, por causa das moscas, sua ex.^a a estas horas ainda é monarchico!

Parabens á monarchia e á republica. A' primeira porque até ao ultimo alento terá a seu lado o ministro fiel; á segunda, porque, subindo ao poder, poderá contar com sua ex.^a então já disponivel...

Sempre é melhor dispôr de gente com pratica do que de marcanos.

O sr. José Luciano de Castro, assentou á sua meza, em Anadia, os seus mais ferreiros partidarios. Comeram, dêram-lhe do espumoso, e depois resolveram não pôr os pés na recepção ao principe herdeiro... delles.

Emquanto durar a dictadura repetirão o dia 28 para que se saiba ainda haver um bocadinho de vergonha em rostos progressistas.

E' realmente um bello gesto de revolta o do *progressismo*! Aprendei nelle todos os actuaes e futuros revolucionarios. Quando quizerdes protestar ao dar-se grossa malandrice, correi a casa, despi o fato, descalçae as botas e mettei-vos na cama com uma botija d'agua quente aos pés. Se o rumôr chegar a vossos ouvidos, calefetae todas as grêtas enquanto os despotas se entretêm a grêtar a alma do povo.

Que pena não serem vivos Fernão Lopes e Garcia de Rezende.

Correu por ahi-que os marinheiros seriam indultados a quando o anniversario natalicio da sr.^a D. Amélia e do sr. D. Carlos.

Foi boato que passou. Ou maldosos ou ingenuos os que o aventaram. Então suas magestades podiam lá lembrar-se em dia tão festivo de quem está ausente? Isso era bom que os marinheiros presos apparecessem de repente no Arsenal, por artes mágicas, e ali, perfeitamente equipados fizessem um exerciciosito de felicitações. Ignorâmos se seriam indultados; mas talvez o prato do dia 28 se não repetisse.

Não conhecem o Fernandinho? E' espantoso!

Pois vale a pena conhecer o Fernandinho! O Fernandinho é estudante da Universidade (não sabemos se classificado...), secretario dum dos ministros da ditadura franquista e tambem escreve em jornaes, nas horas vagas. Faz artigos de fundo [para o *Diario de Noticias* e chama a Gabriel Tarde «um dos mais brilhantes espiritos da Italia juridica moderna» (sic)!

Pois não conhecem o Fernandinho? E' espantoso! Fiquem sabendo que o Fernandinho tambem é inventor de mérito... O outro descobriu a polvora, e este descobre agora que Tarde é um *jurista italiano*!... Pois não conhecem o Fernandinho? Tremenda injustiça! O Fernandinho vae bem, vae muito bem. Está na flôr da idade, cheio de erudição e poder inventivo... onde irá elle parar?!

Pois não conhecem o Fernandinho? O Fernandinho escreveu ha dias um artigo sobre a pena de morte e botou asneira bravia na furia insoffrida de mostrar erudição. Falou tambem no *nó social*. Pois não ouviram falar no *nó social* do Fernandinho? E' muito curioso. Quem sabe se o Fernandinho ainda virá a ser victima do seu proprio nó!

E para que fiquem com uma embora muito pávida idéa do mogo vá lá estes periodos do mesmo artigo do Fernandinho:

«Os castigos corporaes só pôdem repugnar a sentimentalidades doentias. Sem excessos que matem, elles são como para as creanças, expedientes que regeneram...»

Avaliem por isto que rez é, e o que vale o Fernandinho! Imaginem

que lhe applicavam, sem excessos que matassem, um desses castighinhos corporaes, que regenerassem...

A medida que o governo entendeu de mais urgente necessidade para modernisar o ensino da Universidade e pôr esta a par da moderna orientação pedagogica, foi o severo castigo dos estudantes que não trouxessem em rigorosa correção os hábitos obrigatorios, pondo assim a academia daquella escola, até no traje, alguns séculos atrás dos nossos tempos civilizados.

E ávante pelo progresso! que o franquismo marcha na vanguarda...

Está radiante o glorioso, o heroico exercito português! Vencemos a campanha contra os euamátas! Está vingada a patria! Exterminámos centenas de pretos? Levámos a desolação a centenas de familias?

Que importa? E' uma obra de civilização!

Perderam lá a vida alguns dos nossos melhores amigos? Ficaram infelizes esposas dedicadas, noivas amantes? Crianças sem pão e velhos paes lacerados pela dôr?

Que importa? Está salva a honra nacional!

Espalhámos a desgraça e a dôr?, fizemos correr sangue humano e assassinámos sem piedade?

Que importa? Nada disso tem valor! Para que vivam os exploradores, para que os ricos possam roubar-nos são necessárias as patrias!

A vida das patrias implica a morte do proletario, implica o assassinato!

Assassinemos!

Pelos theatros vae grande azáfama. A epoca de inverno chegou com o seu cortejo de promessas artisticas raramente cumpridas. Os apreciadores d'arte de theatro teem este anno por onde escolher. Os de mais requintado gosto esthetico irão a D. Maria onde uma empreza particular tenta o levantamento da litteratura dramatica nacional com o humano fim de mostrar que em nosso paiz ainda ha quem tenha amor a coisas theatraes. Será feliz? Não sabemos. Talvez que a sua primeira epoca seja erigida de abrolhos; tantas são as dificuldades que lhe antepõem os artistas-burocratas e os burocratas-artistas.

Como seu ensaiador teve a nova empreza o bom senso de contractar um dos maiores conhecedores da sua arte e artista dramatico de vastos empreendimentos: Araújo Pereira. Andava perdido por theatros onde não podia pôr salientes as suas qualidades intellectuaes. Parabens e dobrados os damos á empreza por sabermos que é este artista quem dirige os ensaios do primeiro original português, a representar-se: *Mar de lagrimas*. A epoca está prestes a abrir-se e depois dirêmos o que muito bem nos parecer.

O que tambem rumorêja nos círculos theatraes, tomando altura de tempestade d'opinões, é a reparação do actor Alvaro. Este artista foi o *enfant gaté* da plateia principerealesca ha uns bons 15 annos. A nossa geração quasi o não conhece e os quarentões recordam-n'o de quando elle arrastando a perna, soltando gestos a cortar espaços, n'uma voz levada pelos tremulos de orchestra, procurava a cega, solicito:—«Luiza, Luiza.» E o povinho das *Duas Orphãs*, olhos de lagrimas em reposteiros, soluçava de peito arquejante, gritando enrouquecido: «Bravo, bravo. Cotadinho do coxo.» O panno descia de vez e o publico sahia com o espirito preparado a sonhar peza-dellos; sem um pensamento que o fizesse olhar para a Vida, mas com todos os pensamentos lamentando a desdita do pobre coxo, ainda mais coxeado pelo artista querido, numa completa ausencia de razão scientifica.

Pois é o interprete das *Duas Orphãs*, *A Vida d'um Rapaz Pobre*, *Morte Civil*, *Morgadinha de Valfôr*, e *Voluntario de Cuba*, que nos vae

aparecer no Quasimodo, classico personagem do *Notre Dame de Paris*, de Victor Hugo. E é no mesmo tablado scenico que o gritador dos mais romanticos dramalhões de ha 15 annos apparecerá interpretando um personagem muito arisco de representar e que exige do artista um absoluto conhecimento da obra de Victor Hugo para melhor identificação. Se Alvaro após 15 annos de repouso provinciano, a elle atirado por uma indigestão de bastidores, ainda tem residuos d'ella, não pôde de novo ter o mesmo amor ao theatro que outr'ora foi razão de ser da sua gloria. Se traz o estomago lavado pelos ares de Vieira e esquecido das tarantulas que o morderam, poderá ainda ser um artista consciencioso. E esta consciencia se apparecer dominante em suas futuras interpretações é que nos dirá se de tão longe seguiu a evolução que o theatro nacional tem soffrido por parte dos seus artistas dramaticos. Caso contrario será palmejado com o respeito que nos merecem as avósinhas que tem posporrencias de mocidade.

Verêmos e depois falaremos.

A Trindade já abriu as suas portas. A primeira peça foi o producto hybridado em varios quadros, que os portunenses srs. Pedro Bandeira e Augusto Vêras, fantasiaram: *A Lenda do Folle*.

O maestro Manuel Benjamim escreveu para essa coisinha trechos de musica que não brilharam nem podiam brilhar. Pratenciosa em extremo, passou despercebida por enquadrar um assumpto mau. E' artistica a musica e o poema ignora o que seja Arte.

A seguir deu *A Mulata*, tradução do reincidente sr. João Salles. Este senhor mostra que a par de traduzir num português peor, tem uma ausencia de paladar na escolha das suas peças digna de nota.

Mas, emfim já não tem emenda... A interpretação de ambas as peças não denota saliencias. Saliencias são arestas e desta vez tudo liso como o marmore.

Todos os criticos—hein?—foram concordes em trombetear o sr. Gomes. Talvez este artista gannhasse assim a fama de comico que tem... No dia em que mudar de tom na escala de inflexões da sua voz e deixar de repetir os mesmos periodos, talvez então mereça o titulo de comico. No entanto é tão facil corrigir-se... Corrija-se. Lime esses defeitos com amor e verá que só então será digno dos nomes bonitos com que o mimosiam.

Ambas as peças bem encenadas, denotando gosto e cuidados do sr. Taveira.

Fômos ao oppunario na 2.^a récita da temporada. Representou-se uma comedia que na epoca transacta metteu dinheiro na caixa-forte da empreza e deu mais 15 dias de ordenado aos artistas da casa.

Intitula-se: *O Cão e o Gato*. Tem tres actos e enfileira no genero: farça. São seus auctores os srs. Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues.

O primeiro tem o seu nome feito como traductor correcto de peças francezas e sonetista talentoso do «Supplemento do Seculo». O segundo é auctor conhecido da *Arte de Mmes, Pae-Mãe, Padre Antonio, Pae da Patria, Pouca Vergonha e Tira Dentes*. Sendo a primeira e as duas ultimas feitas sem auxilio e todas as outras de sociedade com collegas seus de nome acreditado.

O sr. Accacio de Paiva prima por ser um litterato com laivos de artista; o sr. Ernesto Rodrigues não possui taes predicados, mas substitue-os com abundantes doses de graça, ou em expressão propria, de chalaça nacional.

Ha de esperar que essas qualidades conjugando-se fizessem obra que perdurasse atravez gerações. Com *O Cão e o Gato* não se realisa tal aspiração nossa. E' farça que viverá, não como as rosas de Malherbe, mas consoante a ignorancia do espectador, que é infinita em coisas d'arte.

A parte architectonica da peça é bem feita, attendente aos successivos rompimentos que a sua linha geral sofre.

Unidade é termo vago em tal apontado de scenas. Desde que não haja um pensamento basico, não pôde existir logica e a logica para quem concebe theatro assim é uma batatá...

Os auctores *d'O Cão e o Gato* teem ganho dinheiro e é a mira no ganho o pensamento que originou a peça. O publico creança ri a valer, a empreza ri em nome das finanças e os srs. Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues riem-se ao sentir os direitos d'auctor a gargalhar nas algeibras. Só quem sente os olhos marcados de lagrimas é a Arte dramatica nacional, dorida pelos maus tratos que leva.

Quanto ao desempenho temos de notular o trabalho correcto e dicção impecavel do sr. Henrique d'Albuquerque. Como é o personagem melhor da farça o digno artista não o cabriolou. Os outros papeis tornam titeres todos os seus interpretes que andam ali no sabôr da fantasia dos auctores.

Temos dito.

Nos dois.

PUBLICAÇÕES

SERÕES.—Acaba de sahir mais um numero d'esta interessantissima publicação, o melhor magazine editado em Portugal.

O presente numero acompanhado, com todos os precedentes, por uma folha dos Serões das Senhoras com 28 illustrações, uma folha de moldes e uma bella musica, (*A minha Estrella*, walsa por Carlos Sneider), insere os seguintes artigos: *Sport nautico em Portugal*; *Oliveira Martins*, pelo Dr. José Lobo d'Avila Lima; *O Caramulo* (conclusão), por Thomaz da Fonseca; *O poeta Julio Ripado*, por Alfredo Guimarães; *Quarto concurso photographico dos Serões*; *A lenda do canzarão* (conclusão), por A. Conan Doyle; *A architectura de nascença em Portugal*, por Albrecht Haupt; *Os serões dos Bêbês—Nansi e a sua egua*; sonetos de Mario Florival e *Actualidades*, etc.

Tudo isto é profusamente elucidado com mais de 100 illustrações no texto, perfeitamente reproduzidas. A perfeição material e os primores litterarios contrastam n'esta publicação com a modicidade do preço, 20 réis apenas por cada numero mensal.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Omn.		Rap.		Cor.
	M.	T.	M.	T.	
Lisboa (Roc.)	8,35	—	1,50	5,30	9,3
Entronc. . .	11,54	—	4,55	7,3	12,19
Coimbra . . .	3,36	9,4	8,28	8,57	4,6
Pampilhosa . .	4,9	9,34	9,20	9,13	4,35
Mogofores . . .	4,52	10,14	9,40	—	5,45
O. do Bairro . .	5,3	10,27	9,51	—	5,15
Aveiro	5,33	11,1	10,19	9,53	5,45
Estarreja . . .	5,58	11,23	10,42	—	6,5
Ovar	6,18	11,54	11	—	6,24
Espinho	6,43	12,34	11,24	10,35	6,46
Gaya	7,19	1,23	11,58	10,57	7,20
Porto(S.B.t.)	7,46	1,51	12,22	11,16	7,47

DO PORTO A LISBOA

	Omn.		Rap.		Cor.
	M.	T.	M.	T.	
Porto(S.B.t.)	6,35	8,49	2,45	5	8,44
Gaya	7,6	9,11	3,19	5,21	9,19
Espinho	7,30	9,28	3,40	5,38	9,46
Ovar	7,52	—	3,59	—	10,13
Estarreja . . .	8,13	—	4,16	—	10,33
Aveiro	8,36	10,8	4,37	6,16	10,55
O. Bairro . . .	9,6	—	5,4	—	11,25
Mogofores . . .	9,17	—	5,15	—	11,37
Pampilhosa . .	9,35	10,45	5,31	6,51	11,57
Coimbra	10,19	11,1	6,1	7,15	12,31
Entronc. . . .	1,47	12,55	8,52	9,9	3,24
Lisboa	5,7	2,40	11,58	10,50	6,25

Tramways.—Do Porto para Aveiro —Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã, chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde.

Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54, chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás 6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,53. Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Porto á 1,51 da tarde.

Artigos photographicos, POR PREÇOS MODICOS, Vendem-os Félix, Filhos AVEIRO

Quereis fazer uma longa viagem, sem vos fatigardes? Compreae a bicyclete—**A OSMOND**

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE
CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.^a

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

**ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA
AVEIRO**

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.^a ed., cart. 200 réis, broch. 150
- Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
- Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
- Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.^a ed., cart., 200 réis, broch. 150
- Gula práctico e theórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos. 150

ESCRIPTA

- Arte de Escripção**—cada caderno, 30
- Livros de polémica sobre o Methodo**
- A Cartilha Maternal e o Apostolado** 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica** 500
- Do mesmo auctor:
- LITTERATURA**
- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed., (esgotado), 700
- Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA
Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

- Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
- Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
- Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO

MATERIAES PARA CONSTRUÇÕES

DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor de adóbos na qualidade de areia agría e macia, e contraria ás saubas. Adóbos de parede, muro, mendas, tres quartos, canejias de poço e areia fina e grossa, tudo da melhor qualidade.

Modicidade de preços.

AVEIRO—PREZA

HOTEL CYSNE BOA-VISTA

AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasso o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Por que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afin de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisem de alojamentos ou qualesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO
ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO
RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

Cobrança de pequenas dividas

A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com sede na rua de S. Mamede, 111, ao L. do Caldas, Lisboa, acaba de editar um folheto, contendo os decretos dictatoriaes de 29 de maio do corrente anno, sobre cobrança de pequenas dividas, imposto de rendimento, officiaes inferiores do exercito, e pensões a alumnos e professores no estrangeiro.

E' a unica edição annotada, e o seu preço é de 120 réis.

Os exemplares serão promptamente remetidos a quem os requisitar, e os pedidos deverão sempre vir acompanhados da respectiva importancia, em estampilhas.

A venda, n'esta cidade, na tabacaria de Augusto Carvalho dos Reis.

POVO DE AVEIRO
—DO—
TYPOGRAPHIA
Aeche, de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Dedicamos-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especines. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alentejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de mindezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinças para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.

Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

MACHINAS "PFAFF,"

—E—

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicus, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito Santo

para verem as vantagens que estas casas lhes offerecem.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.